

**UMA CARACTERIZAÇÃO AMPLA
PARA A HISTÓRIA EM QUADRINHOS
E SEUS LIMITES COM OUTRAS
FORMAS DE EXPRESSÃO**

EDGARD GUIMARÃES

Quadrinhista e Editor Independente

RESUMO

Este texto busca caracterizar de forma ampla a História em Quadrinhos, partindo de uma análise das formas de expressão artística desde suas origens, identificando seus elementos essenciais, procurando classificar a História em Quadrinhos dentro da Arte em geral, até chegar a uma caracterização simples e precisa da História em Quadrinhos, concluindo com uma exploração de seus limites com outras formas de expressão.

1. INTRODUÇÃO.

A literatura especializada sobre História em Quadrinhos (HQ) trata o conceito desta forma de comunicação e expressão artística de maneira muito desigual. Alguns autores, com o intuito de destacar o tipo de História em Quadrinhos que se consolidou a partir da última década do século XIX, e que sem dúvida é até hoje o tipo mais comum de HQ, propõem uma conceituação tão restritiva que exclui muitas obras sobre as quais não há dúvida de que sejam Histórias em Quadrinhos. Outros autores, por outro lado, generalizam tanto, apontando para os desenhos rupestres de uma maneira geral como ancestrais das HQs, que fica difícil entender o que seja de fato uma História em Quadrinhos. Neste texto será proposta uma caracterização ampla e bem definida para a História em Quadrinhos com a exposição dos argumentos que justificam esta caracterização, além de uma exploração dos limites entre a História em Quadrinhos e outras formas de arte e expressão.

2. FORMAS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA E SEUS LIMITES.

As diversas formas de comunicação e expressão artística fazem parte da constante evolução cultural do ser humano desde os primórdios da espécie, sendo que a própria espécie humana é herdeira da bagagem cultural desenvolvida pelos hominídeos que a precederam. Este desenvolvimento acabou resultando, nos dias de hoje, em um pequeno conjunto de formas de arte bem distintas sendo que a maioria da produção artística do ser humano pode sem dificuldades ser classificada em uma dessas formas. A Música, o Teatro, a Literatura, o Cinema, a Pintura, etc. são formas de expressão artística bem conhecidas e distintas e poucas vezes um determinado trabalho artístico não pode ser classificado em uma destas categorias. Quando, no entanto, aparece uma obra de difícil classificação, as conceituações dessas formas de arte são colocadas em questionamento. Para se realizar uma conceituação baseada em critérios mais seguros, é conveniente observar as origens das formas de expressão artística e procurar discernir o que há de essencial em suas manifestações.

Os registros das manifestações artísticas do homem primitivo, ou seja, do ser humano a partir de 100 mil anos atrás, permite algumas considerações. Primeiro, é difícil separar o caráter estético do caráter pragmático destas manifestações. Por exemplo, as pinturas nos vasilhames de barro podiam ter uma função puramente de decoração, ou ser somente um modo de identificar o proprietário. No entanto, é razoável considerar que mesmo em manifestações predominantemente práticas como a manufatura de flechas ou cestos, pudesse haver uma componente de expressão artística. E desse modo o sentimento estético do ser humano foi sendo desenvolvido. As gravuras rupestres encontradas em cavernas e feitas há cerca de 40 mil anos certamente têm um caráter fortemente prático como ferramenta de comunicação e ensino entre os membros de um grupo, mas é inegável que têm também um caráter de expressão artística. Outro aspecto a se considerar é que muitas dessas manifestações primitivas não se enquadram facilmente nas categorias de expressão artística hoje conhecidas. Uma gravura rupestre tem elementos de pintura, elementos de gravação em baixo relevo, mas tem também, à medida que uma figura passa a representar um conceito mais abstrato, elementos de escrita. A expressão verbal do homem primitivo provavelmente era acompanhada de um conjunto maior de gestos, de acentuações vocais, e mesmo de sons musicais do que a fala do homem moderno, onde predomina o conteúdo verbal. Possuía, portanto, misturados, elementos de mímica, declamação, música, e até mesmo dança, elementos que tiveram desenvolvimentos mais ou menos autônomos e se tornaram hoje formas de expressão distintas.

A tentativa de conceituar uma forma de expressão artística deve se concentrar em identificar a essência desta forma de expressão, mesmo que, como consequência disso, os limites entre as diversas formas de expressão se tornem indistintos. Um pictograma, por exemplo, tem os elementos essenciais para ser classificado como desenho e também os elementos essenciais para ser classificado como escrita. Muitas vezes há a tendência de definir uma forma de expressão por um conjunto amplo de características de modo a delimitar com precisão as fronteiras entre as diversas formas de expressão. Esta necessidade de garantir que uma determinada obra tenha uma classificação inequívoca em uma única categoria leva a conceituações muito restritivas que contemplam somente o tipo mais comum e consagrado de trabalho, excluindo da categoria tanto as manifestações mais primitivas quanto as obras experimentais.

Com base nestas considerações é tomado como princípio que a conceituação de uma forma de expressão artística deve ser simples, de modo que não seja difícil entendê-la; precisa, de modo que não deixe margem a dúvidas; e ampla, de modo a englobar as manifestações mais primitivas e as mais modernas desta forma de arte.

3. CLASSIFICAÇÃO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS.

A História em Quadrinhos é uma forma de expressão artística em que há o predomínio do estímulo visual. Está inserida dentro de uma categoria mais geral que pode ser denominada Arte Visual, que engloba aquelas formas de expressão em que o espectador, para apreciá-las, usa principalmente o sentido da visão. Nesta classificação, o espectador está sendo tomado como referência. Em relação ao artista, a produção de um trabalho artístico envolve, obviamente, também o sistema motor, a capacidade de modificar a matéria-prima e transformá-la em produto artístico. Reafirmando, o uso da denominação Arte Visual refere-se às formas de expressão artística em que o espectador é estimulado predominantemente por informações visuais. Numa revista de Histórias em Quadrinhos, por exemplo, a apreciação do trabalho pode estar sendo modificada por outros tipos de estímulos sensoriais como o cheiro da tinta ou do papel envelhecido (estímulo olfativo) ou pela textura do papel (estímulo tátil), mas, de modo geral, há o predomínio do estímulo visual.

Além da História em Quadrinhos, também podem ser classificadas como Arte Visual o Cinema, a Literatura, o Teatro, a Pintura, a Escultura, a Arquitetura, etc. A classificação de algumas dessas formas de expressão não é tão óbvia. No Cinema, a informação visual tem predomínio, sem dúvida, mas a informação auditiva (as falas dos personagens, o barulho ambiental, a música) não é irrelevante. Portanto, o Cinema pode ser considerado uma Arte Visual e Auditiva. A Literatura escrita é predominantemente visual, mas a palavra escrita guarda uma relação muito íntima com a palavra falada, portanto, há uma Literatura oral (a poesia declamada ou a letra cantada de uma música) que é predominantemente auditiva. A Música, por outro lado, é uma forma de expressão predominantemente auditiva, mas possui uma forma de registro em partitura que é visual. A classificação das formas de expressão artística em categorias bastante gerais baseadas

nos órgãos humanos dos sentidos (visão, audição, olfato-paladar e tato) é útil pois fundamenta-se em uma especialização sensorial desenvolvida por uma seleção natural ao longo de bilhões de anos. Um número significativo de formas de expressão artística atuais, no entanto, tem elementos pertencentes a mais de uma destas categorias gerais. Mesmo quando não há um predomínio claro de um dos elementos sobre os outros, isto não invalida esta classificação. Estas formas de expressão artística têm classificações múltiplas, encaixam-se em mais de uma das categorias gerais.

Dentro das Artes Visuais, em particular, há algumas formas de expressão em que o Registro da informação visual é inerente à própria forma de expressão. É o caso da História em Quadrinhos, do Cinema, da Literatura escrita, entre outras. No caso do Teatro, o espectador recebe as informações visuais diretamente da representação dos atores, no momento em que atuam, e não há um registro externo dessas informações. Na Música, o registro da informação auditiva não é inerente à forma de expressão, já que durante muito tempo as composições se perpetuaram apenas através da transmissão oral. Hoje, no entanto, na maior parte das vezes, o espectador tem acesso à música através de sua gravação.

Dentro das Artes Visuais em que o Registro da informação visual é inerente à forma de expressão, pode-se observar uma divisão bem distinta. Em algumas formas de expressão há a tentativa de congelar um momento, em outras há a tentativa de captar um movimento. Na primeira categoria estão as naturezas mortas na Pintura, as paisagens e retratos tanto na Pintura quanto na Fotografia, os bustos na Escultura, etc. Na Fotografia, no início de seu desenvolvimento, devido a limitações técnicas, só era possível o registro de momentos congelados, onde os objetos a serem fotografados deviam se manter imóveis o tempo suficiente para sensibilizar o material fotográfico. Atualmente, como é possível um tempo de exposição bem pequeno, é possível, mesmo numa única foto, captar uma imagem que dê sensação de movimento. Este tipo de trabalho pertence à segunda categoria, onde também está a História em Quadrinhos. Esta tentativa de registrar o movimento pode ser feita de duas formas. Na primeira, este movimento é sugerido através de uma imagem ou uma seqüência de imagens estáticas. Nesta categoria está a História em Quadrinhos, ou melhor, esta categoria é a História em Quadrinhos. Ou ainda, todo trabalho que tenha estas características é chamado de História em Quadrinhos. Na segunda forma, através de algum recurso extra, as imagens

estáticas passam ao observador a sensação real de movimento. Este é o caso do Cinema e do Cinema de Animação. Esta ilusão do movimento é conseguida com maior eficiência com o uso de recursos tecnológicos como as câmeras de filmagem para o registro do movimento e os projetores de filmes para a reprodução deste movimento. No entanto, o recurso tecnológico sofisticado não é essencial para caracterizar o Cinema. Uma seqüência de desenhos com pequenas variações entre si colocados numa seqüência de folhas e passadas rapidamente também dão a sensação real de movimento, e também se caracteriza como Cinema, apesar da extrema limitação de recursos.

4. CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS.

Com base em toda a argumentação discutida até o momento, uma caracterização abrangente da História em Quadrinhos é feita da seguinte maneira: *História em Quadrinhos é a forma de expressão artística que tenta representar um movimento através do registro de imagens estáticas.* Assim, é História em Quadrinhos toda produção humana, ao longo de toda sua História, que tenha tentado narrar um evento através do registro de imagens, não importando se esta tentativa foi feita numa parede de caverna há milhares de anos, numa tapeçaria, ou mesmo numa única tela pintada. Não se restringe, nesta caracterização, o tipo de superfície empregado, o material usado para o registro, nem o grau de tecnologia disponível. Engloba manifestações na área da Pintura, Fotografia, principalmente a fotonovela, do Desenho de Humor como a charge, o cartum, e sob certos aspectos, a caricatura, e até algumas manifestações da Escrita, como as primeiras formas de ideografia, quando o nível de abstração era baixo e ainda não havia uma correspondência entre símbolos escritos e os sons das palavras.

É importante observar que o principal aspecto da História em Quadrinhos em sua forma mais comum - que é a narrativa de uma história através de uma seqüência de imagens -, nesta caracterização foi reduzido ao seu elemento mais essencial, que é o movimento. Quando uma narrativa feita em imagens é tão simplificada que sua representação se resume ao registro de um único movimento, então a História em Quadrinhos se aproxima de sua fronteira com o Retrato e a Paisagem.

5. HISTÓRIA EM QUADRINHOS E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO.

Durante o desenvolvimento, ao longo deste trabalho, dos argumentos para a caracterização ampla da História em Quadrinhos, diversas vezes foram abordados os limites entre as diversas formas de expressão artística. A seguir serão exploradas com maior detalhamento as fronteiras entre a História em Quadrinhos e diversas outras formas de expressão.

História em Quadrinhos e Literatura Infantil. Os livros de Literatura infantil destinados às crianças menores contam uma história principalmente através das imagens, com muito pouco texto, e portanto estão muito bem caracterizados como História em Quadrinhos. Os livros para faixas etárias maiores vão se afastando do conceito de História em Quadrinhos ao privilegiar o texto escrito e passar a imagem não abstrata para segundo plano, até chegar à Literatura propriamente dita onde a ilustração é eventual e normalmente redundante.

História em Quadrinhos, Cartum e Charge. Uma das características mais importantes da História em Quadrinhos é o encadeamento que se pode fazer entre as imagens, o que permite a elaboração de histórias mais complexas. No entanto, esta característica não é essencial para definir um trabalho como História em Quadrinhos. De acordo com a caracterização exposta neste texto, uma história em quadrinhos pode ser realizada com uma única imagem desde que esta consiga representar um movimento, narrar um fato, contar uma história. Assim, tanto o Cartum quanto a Charge estão muito bem caracterizados como História em Quadrinhos.

História em Quadrinhos e História em Imagens. Alguns autores diferenciam a História em Quadrinhos da chamada História em Imagens por esta não trazer os textos escritos (balões e recordatórios) integrados aos quadros que contêm as imagens. Este recurso de separar o texto escrito da imagem foi muito usado nas HQs de meados do século XIX, mas continuou a ser usado depois que passou a predominar a fórmula de integrar os textos aos quadros na forma de balões e recordatórios. A tira de Tarzan, publicada a partir de 1929, trazia o texto escrito logo abaixo do quadro com a imagem, talvez para aproximá-la do original literário. Depois passou a trazer o texto escrito dentro do quadro mas bem distinto da imagem, o que também foi feito em outras

grandes obras como Príncipe Valente e Flash Gordon. Atualmente muitos autores modernos retomaram a utilização deste recurso de colocar o texto escrito fora do quadro. Alguns trabalhos, de fato, não utilizaram bem este recurso, algumas vezes trazendo um texto redundante que explicava a imagem, outras vezes trazendo um texto que não se referia à imagem imediatamente acima, mas a má utilização de um recurso não é motivo para descaracterizar estes trabalhos como História em Quadrinhos, pois trazem os elementos essenciais para esta caracterização.

História em Quadrinhos e Cinema de Animação. Para realizar uma história em quadrinhos através de um conjunto de imagens colocadas em seqüência, o autor, com a história em mente, deve selecionar um número definido de imagens que narrem esta história eficientemente. Estas imagens encadeadas devem ter uma separação inequívoca entre elas, e esta separação física entre as imagens é chamada entrequadro. A divisão entre uma imagem e a outra na seqüência é chamada corte. Quando um autor define duas imagens de uma seqüência fazendo um corte entre elas, obviamente está eliminando uma quantidade imensurável de outras imagens que poderiam existir naquele intervalo. No entanto, estas imagens omitidas não deverão fazer falta ao leitor para o entendimento da seqüência. Esta capacidade que uma pessoa tem de imaginar o que há entre as duas imagens selecionadas pelo autor é chamada conclusão. O conceito de conclusão é mais amplo do que isso, pois não se restringe ao que o leitor conclui entre uma imagem e outra, mas também o que é concluído com a informação que há dentro de cada imagem. A conclusão que o leitor deverá realizar entre duas imagens será tão maior quanto maior for o número de imagens omitidas pelo autor. Quando o autor coloca em seqüência duas imagens aparentemente sem conexão levando o leitor a um esforço maior para estabelecer relação entre elas, este corte recebe o nome de elipse. O autor pode, no limite, criar uma seqüência de imagens sem qualquer relação aparente entre elas, praticamente impedindo o leitor de concluir algo. Ao fazer isto, o autor estará se afastando da objetividade da conclusão onde todo leitor concluiria a mesma coisa, tornando a conclusão mais subjetiva, dependente de experiências mais específicas de cada leitor. Por outro lado, o autor pode definir uma seqüência usando um grande número de imagens com pequena variação entre elas, como se fossem fotogramas de um filme. Neste caso, exige-se do leitor uma capacidade de conclusão bastante baixa. Se esta seqüência de imagens com pequenas variações forem mostradas com rapidez ao

espectador, como na projeção de um filme, a capacidade de conclusão exigida é tão baixa que está abaixo do nível de consciência, ou seja, o espectador conclui inconscientemente a seqüência, tendo a ilusão do movimento. É preciso salientar que uma seqüência de imagens com pequenas variações mostradas uma a uma para o espectador é caracterizada como História em Quadrinhos, e a mesma seqüência mostrada rapidamente, onde haja a sensação real de movimento, mesmo através de um processo simples como folhear as imagens manualmente, é caracterizada como Cinema.

História em Quadrinhos e Caricatura. Na análise feita a seguir o termo Caricatura está designando apenas o Desenho Caricatural, pois este termo tem outras conotações. A Caricatura tem muita semelhança com o Retrato e neste sentido é totalmente distinta da História em Quadrinhos. Na Caricatura uma pessoa ou personalidade é retratada com os traços fisionômicos alterados, deformados, exagerados, normalmente com a finalidade de humor ou agressão. A palavra caricatura tem sua suposta origem na palavra italiana para “carregar”, no sentido de partir para o ataque. O próprio desenho deformado em si já pode provocar o humor, no entanto a eficiência da Caricatura é maior quando a personalidade caricaturada é identificada. Neste sentido, o leitor estará fazendo um encadeamento entre a imagem mental que possui do caricaturado e o desenho caricatural, e esta conclusão entre duas imagens caracteriza a Caricatura como História em Quadrinhos.

História em Quadrinhos e Pintura. Como foi discutido anteriormente, uma única imagem pode ser caracterizada como História em Quadrinhos desde que seja uma tentativa de representar um movimento. Assim, uma Pintura pode ser uma História em Quadrinhos. Há, no entanto, muitos trabalhos, principalmente da Renascença, que buscavam representar numa única imagem uma história bem complexa como uma passagem da Bíblia ou uma lenda da Mitologia grega. Por exemplo, a obra de Fra Angelico, ‘A Anunciação’, feita por volta de 1434, retrata a passagem de Lucas 1:26-38, em que o anjo Gabriel anuncia a Maria que ela vai ser mãe de Cristo. No quadro, da boca do anjo saem palavras com a anunciação e da boca de Maria sai a resposta. Ao fundo, Adão e Eva sendo expulsos do paraíso representam o pecado do homem, que será salvo pela vinda de Cristo. Outros quadros como ‘O Nascimento de Vênus’ de Botticelli, de 1484, ou ‘Sansão e Dalila’ de Rubens, de 1609, também usam este recurso de sintetizar numa única imagem uma história relativamente grande. O entendimento desses trabalhos

exige do espectador o conhecimento prévio dessas histórias para conseguir reconhecer no quadro todos os seus elementos. Isto pode parecer estranho quando comparado à História em Quadrinhos em sua forma mais comum, que faz justamente o contrário, procura decompor uma história em um número relativamente grande de quadros, cada quadro contendo parcelas pequenas da história, de modo que mesmo um espectador com uma bagagem cultural mínima possa entendê-la. Atualmente, no entanto, há HQs destinadas a públicos diferenciados, com textos e imagens mais sofisticados, que exigem do leitor um conhecimento prévio de assuntos específicos, ou seja, o mesmo recurso usado nas pinturas mencionadas. Esta exigência de conhecer profundamente o assunto tratado não descaracteriza um trabalho como História em Quadrinhos, embora não seja o tipo mais comum de HQ. Portanto, as pinturas que usem este recurso de representar narrativas complexas em uma única imagem estão bem caracterizadas como História em Quadrinhos.

História em Quadrinhos e Escultura. Na caracterização feita da História em Quadrinhos, em que se salienta o registro do movimento através de imagens estáticas, não se exclui a possibilidade da imagem ser em três dimensões. Portanto, uma escultura que tente representar um movimento, ou ainda, narrar uma história, está caracterizada como História em Quadrinhos. Obviamente a dificuldade de se fazer uma escultura desestimula a produção de uma narrativa mais complexa através de uma seqüência de imagens tridimensionais. Por outro lado, a Escultura que, como o Retrato e a Paisagem, busca registrar um momento congelado, como os bustos, as estátuas, as imagens de santo, não se caracteriza como História em Quadrinhos.

História em Quadrinhos e Imprensa. Embora a História em Quadrinhos seja uma forma de expressão que acompanhe o ser humano desde o início de seu desenvolvimento, só atingiu uma forma parecida com a atual em meados do século XIX. Muitas vezes a História em Quadrinhos é atrelada de forma rígida à Imprensa a ponto de muitos considerarem como “primeira HQ” somente trabalhos publicados regularmente em jornais a partir de 1895 ou 1896. Esta abordagem, no entanto, despreza milhares de anos de experiências em narrar histórias através de imagens, um número incalculável de pessoas efetivamente se expressando nesta forma de arte. É inquestionável que foi dentro do ambiente dos jornais, em sua luta por transformar a informação num produto vendável para as grandes massas da população, que a História em Quadrinhos

rapidamente se desenvolveu até atingir uma forma bem próxima da que é atualmente mais comum. Diversos fatores causaram este rápido desenvolvimento. Um motivo bastante simples que dificultava a evolução da História em Quadrinhos antes do grande desenvolvimento que a Imprensa teve no século XIX é que a produção de uma HQ é mais trabalhosa do que a produção de uma única ilustração. A Imprensa afetou este fato de duas maneiras. De um lado, como o trabalho seria reproduzido em milhares de cópias, justificava uma maior demora na produção do original. Por outro lado, as próprias limitações dos meios de reprodução exigiam uma simplificação dos desenhos tornando viável a colocação de diversos desenhos numa única página. Neste aspecto, teve participação também o desenvolvimento da caricatura e da própria evolução da arte como um todo, que começou a fugir da representação realista buscando novas maneiras de ver a realidade, uma delas sendo a estilização do desenho. Assim, a Imprensa condicionou o visual simplificado, estilizado, caricatural da História em Quadrinhos. Em relação à temática, a Imprensa definiu para a História em Quadrinhos os temas universais. Como um meio destinado a atingir grandes parcelas da população, a Imprensa se obriga a veicular produtos que sejam compreensíveis para a grande maioria dos leitores. Assim a temática das Histórias em Quadrinhos fica restrita ao denominador comum das experiências dos leitores. Atualmente os meios de reprodução mais sofisticados permitem a impressão de HQs pintadas ou coloridas no computador, e a segmentação do mercado assim como o surgimento de editores independentes permitem a produção de histórias mais sofisticadas dirigidas a públicos específicos. Tem destaque o crescimento de uma imprensa alternativa com edições de baixíssimas tiragens, onde os autores realizam todo tipo de experimentação na produção de seus trabalhos quadrinizados. Depois do forte condicionamento que a Imprensa impôs à História em Quadrinhos em seu desenvolvimento desde meados do século XIX, atualmente constata-se a existência de quadrinhistas que produzem seus trabalhos sem visar à publicação, ou seja, pessoas que usam a História em Quadrinhos como meio de expressão artística, independente das limitações que sua publicação exigiria, independente das especificidades da Imprensa como veículo de comunicação de massas.

6. CONCLUSÃO.

A discussão apresentada neste texto partiu do princípio que a caracterização de uma forma de expressão artística deve ser ampla o suficiente para abranger todas as suas manifestações e não apenas as que por um motivo ou outro se tornaram as mais comuns, deve ser feita buscando a essência da forma de expressão e não visando a facilitar a classificação de seus produtos mais consagrados. Com base nas considerações apresentadas, conclui-se que a História em Quadrinhos é uma forma de expressão artística distinta, cuja origem se encontra no início do desenvolvimento cultural da raça humana, muitas vezes misturando-se a outras formas de expressão também embrionárias, e cujo conceito compreende um conjunto de produtos artísticos muito mais amplo do que o tipo de HQ mais comum explorado pela indústria cultural.

BIBLIOGRAFIA.

- CAGNIN, Antônio Luiz - *As Histórias em Quadrinhos de Angelo Agostini* - **Phenix** - Clube dos Quadrinhos - São Paulo - 1996.
- CLARK, Alan e Laurel - **Comics - Uma História Ilustrada da B.D.** - Distri Cultural - Sacavém - 1991.
- COUPERIE, Pierre e outros - **História em Quadrinhos & Comunicação de Massa** - MASP - São Paulo - 1970.
- CUMMING, Robert - **Para Entender a Arte** - Editora Ática - São Paulo - 1996.
- EISNER, Will - **Quadrinhos e Arte Sequencial** - Martins Fontes - São Paulo - 1989.
- GUIMARÃES, Edgard - **Desenquadro** - Edição do Autor - Brasópolis - 1996.
- GUIMARÃES, Edgard - **Crítica de Quadrinhos e Fanzines** - Edição do Autor - Brasópolis - 1997.
- LUCCHETTI, Rubens F. e LUCCHETTI, Marco Aurélio - *História em Quadrinhos: Uma Introdução* - **Revista USP** nº 16 - Editora USP - São Paulo - 1993.
- McCLOUD, Scott - **Desvendando os Quadrinhos** - Makron Books - São Paulo - 1995.